

“Operação Produção”

Inquilino destrói casa após sentença de despejo

▪ Danos montam a mais de 800 contos

Entre as dezenas de inquilinos da APIE que por dia têm sido compulsivamente despejados das casas pela «Operação Produção», por se recusarem a sair após sentenças do tribunal nesse sentido, há um caso que toca as raias de primitivismo requintado. Sentenciado a deixar a moradia que habitava ilegalmente, um indivíduo que se identificou como trabalhador do Serviço Nacional de Segurança Popular (SNASP), pegou em tampas de borracha e obstruiu a banheira, e os lavatórios. Depois de abrir todas as torneiras, fechou a casa e foi-se embora. Após atingir a altura do rodapé, submergindo as alcatifas que cobriam toda a casa, a água infiltra-se para o rés-do-chão do vizinho e, espalhando-se pelas escadarias, atinge a rua. Só dois dias depois a APIE foi alertada e quando lá chegou já havia 821 489,50 MT de danos nesta sanha aparentemente premeditada de destruição.

O facto, sob a alçada do Tribunal Popular do Bairro da Polana, deu-se numa imponente vivenda de dois pisos, sita no n.º 195, da Rua Valentim Siliti. Esta casa é do tipo «IV», encontrava-se totalmente alcatifada e, apesar de mal conservada, notam-se vestígios de luxo e bom gosto na sua pintura e decoração anteriores.

Nela vivia um indivíduo de nome Fernando Domingos Maguessere, que perante as autoridades identificou-se como trabalhador do SNASP. Ao ser interpelado pela brigada de verificação de casas no contexto da «Operação Produção», apresentou um contrato em nome de Barnabé Vieira Djanane, que, segundo justificou, é um seu parente, transferido para outra província.

DE RÉU ORIGINAL AO RESTO

Segundo afirmou Rogério Pedro Mucavele, delegado da APIE junto do Tribunal Popular do Bairro da Polana, nada fazia prever que o indivíduo fosse tomar tão estranho procedimento, porquanto durante o julgamento do seu caso tinha-se portado muito bem, acatando todas as ordens do juiz mesmo quando lhe foi lida a sentença de desalojamento.

Ficamos espantados aqui no tribunal, quando através dos seus vizinhos nos chega ao conhecimento que o indivíduo fechou a casa depois de ter aberto todas as torneiras e desapareceu. Corremos imediatamente para o

local e como não tínhamos chaves li-do contador — explica-nos Rogério Mucavele.

Quando finalmente a brigada conseguiu penetrar, encontrou o interior da casa transformado em autêntica piscina, com papéis, beatas de cigarros, detritos diversos e lixo a botarem.

A primeira medida que tomámos foi a de evacuarmos a água pelas escadas abaixo, após o que conseguimos descolar todas as alcatifas para expô-las ao sol, por forma a serem aproveitadas, embora tenham ficado muito danificadas. Depois, mandámos vir uma equipa técnica de avaliação, que estimou os danos no montante de 821.489,50 MT — adianta o delegado da APIE.

Neste momento, decorrem no tribunal diligências para que este indivíduo seja submetido a novo julgamento, incorrendo numa pesada acusação, dadas as proporções dos estragos que, segundo informações colhidas naquela instância judiciária, indiciam a prática premeditada de crime de sabotagem de bens imóveis do Estado.

NO PRÓPRIO LOCAL

No próprio local, onde a nossa reportagem deslocou-se acompanhada pelo delegado da APIE, constatámos inúmeros outros vestígios, se não de

destruição premeditada, pelo menos de péssima utilização do imóvel.

Na cozinha, quartos e corredor a tinta estala em muitos pontos do tecto e das paredes. Na casa de banho e cozinha os azulejos desapareceram em várias zonas. Ainda na casa de banho, o espelho e os varões onde se dependuram as toalhas também desapareceram.

Na sala e em dois dos quatro quartos, os candeeiros foram arcados, um deles de tipo globo jazendo a um canto do quarto, à mistura com varões e madeiramento de afixação de cortinados.

Por todo o lado, na cozinha, manchas de óleo e sebo sobre os ladrilhos e mesmo nas paredes, autoclismo com sinais de queimaduras e inúmeras outras anomalias que emprestam ao ambiente uma repugnante imagem de falta da mais elementar higiene, à mistura com um quê de boçalismo na utilização do imóvel.



André Vace Macuácuá



O delegado da APIE mostra algumas das alcatifas postas a secar depois de terem sido submersas; num «banho» forçado durante dois dias



Sinais de queimaduras na pia e azulejos arrancados na parede da casa de banho, além do desaparecimento do varão onde se dependura a toalha. Esta é uma pequena imagem da sanha destruidora que constatámos.